Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Ano VII•nº280•Uberaba/MG•de 30 de março a 5 de abril de 2004

Memória

Antigamente foi ontem

Ensaio fotográfico inédito revela outras dimensões de Uberaba

págs. 6 a 11

Foto antiga: Arquivo Público de Uberaba. Foto recente e montagem: André Azevedo da Fonseca

issuu-downloader.com

Editorial

Para perceber o presente

O ensaio fotográfico publicado nesta edição especial traz uma oportunidade singular para refletir a cidade que construímos.

Quando estamos imersos no cotidiano, vivenciando dia-a-dia as pequenas mudanças, nossos sentidos ficam desatentos, acomodados, quase anestesiados. Presos às circunstâncias do presente, desligados das referências do passado, deixamos de perceber que a cidade é histórica – ou seja, que o que somos hoje é resultado direto do que planejamos ontem. Conseqüentemente, devido a essa carência, aceitamos as transformações como se fossem naturais, inevitáveis.

Presos às circunstâncias do presente, desligados das referências do passado, deixamos de perceber que a cidade é histórica

O discurso da "modernização" normalmente é usado para justificar todas as transformações urbanas. Em um tributo ao positivismo, proprietários destróem o patrimônio cultural dos moradores da cidade em nome de um modelo de progresso que, como podemos perceber, no final das contas favorecem poucos.

Mas sabemos que *transformação* não significa necessariamente *evolução*. Como escreveu Juvenal Arduíni, o tempo cronológico nem sempre corresponde ao tempo antropológico. Da mesma forma em que como hoje convivemos com pensamentos ultra-retrógrados, podemos encontrar idéias avançadas no passado. E vice-versa. A história mostra, por exemplo, que já superamos muitas práticas abomináveis e construímos uma sociedade em muitos aspectos melhor do que há algumas décadas.

Normalmente, temos mais facilidade para perceber se as coisas são boas ou ruins quando as colocamos em relação a outras coisas. Assim, para compreender o que melhorou e o que piorou em nossa urbanidade, é preciso, antes de mais nada, ter acesso às referências históricas, ou seja, conhecer a memória da cidade. É na análise do passado que podemos ter uma referência para perceber com clareza o que estamos fazendo com o nosso presente.

Pesquisadores da Uniube apresentam trabalho nos EUA

Representante do Gapp falou sobre formação de professores do Ensino Superior

No ínicio do mês, o Grupo de Apoio Pedagógico e Pesquisa (Gapp), da Uniube apresentou trabalho de comunicação científica na XV International Conference, Society For Information Technology & Teacher Education (SITE), a 15ª Conferência Internacional da Sociedade da Tecnologia da Informação e Formação de Professores, em Atlanta, EUA.

A conferência do SITE contou com 1500 participantes de 54 países

A conferência do SITE contou com 1500 participantes de 54 países. O GAPP foi representado pela professora Martha Prata Linhares que apresentou o trabalho "Spinning the Web of Continuing Education: Challenges of Using Education at Distance Technology in University Level Courses" onde é relatada parte da experiência do GAPP com formação de professores do Ensino Superior no ambiente de aprendizagem digital TelEduc.

História

Eliane Marquez, essa é pra você

Educadora foi homenageada por sua história dedicada a educação

Samantha Regina da Silva
1º ano de jornalismo

Me passaram uma tarefa fácil: fazer um perfil da professora de História Eliane Marquez. Ela acaba de ser homenageada pela Associação das Mulheres de Negócio por sua história dedicada à educação. Evidentemente, as fontes mais interessantes que poderiam compor um quebra-cabeça de sua personalidade são os seus alunos. Vamos a eles.

Conversei com vários estudantes durante esta semana, pedindo que fizessem críticas e elogios à professora. Foi um problemão. Ninguém quis apontar os defeitos. Aí percebi que não seria uma tarefa tão fácil assim. Perfil sem críticas não vale!

Atenciosa, compreensiva, Eliane tem um dom de sedução capaz de fisgar a atenção de qualquer pessoa que entra na sua sala-de-aula

Profundamente apaixonada pelo seu trabalho e por seus alunos, elétrica, inquieta, Eliane Marquez ela não se restringe a ser apenas professora. Valter da Silva, aluno de História, diz com todas as letras: ela é uma e-d-u-c-a-d-o-r-a!

É bem provável a grande maioria dos alunos de História concordem que as aulas de Eliane são particularmente dinâmicas e extrovertidas. Valter diz que "viaja" em suas explicações. Lembra que, esfuziante, exigente com os trabalhos, Eliane pega no pé de quem chega em sala-de-aula apenas com "recortes" de texto. O que ela quer são "hiper-textos" — não no sentido da Internet, mas "super-textos", trabalhos deslumbrantes que façam jus ao entusiasmo pela História.

Eliane começou cedo. Foi na infância que a História, com agá maiúsculo, despertou e mudou profundamente sua vida (sobretudo os estudos sobre Uberaba e Minas Gerais). O primeiro passo acadêmico era evidente: Eliane formou-se em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Tomás de Aquino (Fista).

Goiana de origem, Eliane passou 25 anos na capital do seu estado, especializando-se em Educação. Fez mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e, entre dezenas de projetos simultâneos, tem em seu currículo um livro em parceria com Maria Antonieta Borges Lopes, chamado: História e Histórias – um extenso trabalho de pesquisa sobre a ABCZ.

O orgulho e a paixão pelo que faz são sentidos diariamente nas salas-de-aula. Esse fôlego a torna extremamente jovem e moderna. Atenciosa, compreensiva, Eliane tem um dom de sedução capaz de fisgar a atenção de qualquer pessoa que entra na sua sala-de-aula. Generosa, está sempre pronta para ajudar — independente do assunto ou da pessoa, diz Hilder Alves. Para Rafael de Oliveira, há momentos em que ela se comporta como uma segunda mãe – que chama a atenção, exige o cumprimento das tarefas, mas logo depois adula com palavras de afeto: *"Você sabe que eu te amo"* .

Sobre os defeitos... bem, um aluno disse que ela é muito exigente. Mas, convenhamos, isso não é defeito! Não dá para ser preguiçoso com esse furacão de mulher!

*colaborou: André Azevedo da Fonseca

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Projeto gráfico: André Azevedo da Fonseca (andre.azevedo@uniube.br) Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Karla Borges (karla.borges@uniube.br) • • • Estagiário: Fábio Luís da Costa (fabio.costa@edu.uniube.br)• • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Analista de Sistemas: Tatiane Oliveira Alves
Reitor: Marcelo Palmério • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • Impressão: Gráfica Jornal da Manhã • • • Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação Sala L18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • Tel: (34)3319-8953 • http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br

issuu-downloader.com

O cotidiano da rua mais antiga de Uberaba

Com mais de cento e vinte anos de história, a Rua Vigário Silva tem dentro de si um universo próprio, onde predominam os contrastes

Luis Felipe Silva
5º Período de Jornalismo

Finalmente uma manhã de sol em Uberaba, depois de vários dias de chuva que, se não impedia, pelo menos desencorajava a maioria dos pedestres a sair de casa.

Meu destino é a Rua Vigário Silva, a mais antiga da cidade, que também já foi conhecida como rua "Grande" ou "Direita" – este último devido ao fato de que ela está à direita de quem sai da Catedral na Praça Rui Barbosa. Ela inicia exatamente nesta praça, no mesmo da Coronel Manuel Borges, a rua "Esquerda" – porém, é claro, em sentido oposto. Curiosamente não existe uma casa com número um na rua Vigário Silva: sua numeração se inicia com o número 5 o Restaurante da Praça, terminando no 2231, em uma residência.

Levo cerca de trinta minutos para percorrer, a pé, toda a rua no sentido de sua numeração. Neste trajeto pude perceber uma imensa transformação à medida que vou me distanciando do centro da cidade. A rua que começa na praça mais importante da cidade, termina em um enorme terreno baldio, onde só existe mato e algumas casinhas após uma enorme depressão. As lojas, com cores berrantes e letreiros "chamativos" vão dando lugar a pequenos barracos de tons foscos, que dividem espaço com inúmeros terrenos baldios. Ainda se fazem presentes alguns prédios imponentes, condomínios fechados, de segurança máxima, garantida por enormes muros de proteção, completados com cercas eletrificadas. Tudo para garantir uma certa distância daquele universo de pobreza.

Lojas com cores berrantes e letreiros "chamativos" vão dando lugar a pequenos barracos de tons foscos e terrenos baldios

Os barracos ao contrário, estão quase sempre de portas abertas, mas não são convidativos para que alguém entre, visto a pobreza e o mal estado em que se encontram. Na verdade, elas parecem estar prestes a ruir a qualquer instante.

Grande parte destes barracos tem como vizinhos apenas o mato que cresce nos terrenos baldios. Em boa parte dos casos o matagal chega a cobrir uma pessoa. Mal podemos imaginar o que pode existir ali! Pude ver duas vezes um mesmo gato preto, com uma perna machucada, entrando no mato para se esconder. Um pouco depois, uma galinha, que aparentemente tinha fugido de um galinheiro nos fundos de um daqueles barracões, imitou o gato e sumiu no matagal.

Grande parte destes barracos tem como vizinhos apenas um desenfreado matagal

fotos: Luis Felipe Silva

Bunda, dinheiro, coca-cola e placas de trânsito se confundem na poluição visual do começo da rua

O comércio da região central, por sua vez, quer sempre deixar bem claro o que pode ser encontrado em seus interiores. Músicas de natal, vitrines, letreiros, cartazes e folhetos nos dão uma idéia do que podemos consumir. É muito variado o cardápio do que pode ser encontrado: automóveis e eletrodomésticos, cereais e alimentos dietéticos, além dos diversos tipos de serviços prestados, como fotocopiadoras e lojas de fotografias 3X4 reveladas em apenas uma hora. Difícil é arranjar um lugar para estacionar, fato que explica a existência de vários estacionamentos nesta parte da rua, cobrando em média R$ 1,50 por hora.

Levo cerca de trinta minutos para percorrer, a pé, toda a rua no sentido de sua numeração

Não falta nada!

Para o comerciante José Clementino Ribeiro nada falta na rua Vigário Silva, principalmente clientes para a sorveteria que seu filho comprou a cerca de um ano, e que ele costuma tomar conta. "O movimento sempre é grande, vejo uma infinidade de rostos todos os dias", confessa, dizendo passar o tempo observando o movimento. A sorveteria ironicamente estava vazia naquele momento, mas não demorou muito para que ele, fosse atender a clientela. "Não dá pra ficar parado" brinca.

Monótona é a região final da Vigário Silva, no bairro São Bendito. Quase não passam carros pela região, o que permite que crianças joguem bola no meio da rua. As pessoas ficam na porta de suas casas conversando. Tocos de árvore servem como bancos. Alguns preferem ir para o bar, logo de manhã. "Afugentar os problemas!", diz

issuu-downloader.com

Sílvio Campelo de Miranda, comentando os hábitos de sua clientela. "A maioria das pessoas que vem aqui dá um duro danado todo dia pra poder sobreviver, e vive tendo problemas na convivência com os outros."

Sílvio revela morar na rua há mais de quarenta anos. "Fui criado aqui, e formei a minha família aqui também". Segundo o comerciante o grande diferencial da região é a tranqüilidade, com quase todas as pessoas se conhecendo e sendo grandes amigas. Neste local o antigo sistema de contas pagas sempre no final do mês ainda vinga, e é o que sustenta o comércio, que é obrigado a competir com as lojas e mercados da ilustre vizinha paralela, a avenida Guilherme Ferreira.

Gaspar diz que a maior peculiaridade da rua são os seus ladrões, e seus impressionantes furtos em plena luz do dia

Ladrões

Se a tranqüilidade é o grande mérito para Sílvio, o mesmo não pode ser dito para o sapateiro Gaspar Reis Moraes, que não reside na Vigário Silva, mas tem seu ponto comercial ali há vinte dois anos. Sua sapataria localiza-se próxima ao Shopping Urbano Salomão, importante centro comercial da cidade, em um ponto que traça uma espécie de linha divisória entre a Vigário Silva rica e a sua metade pobre. Gaspar diz que a maior peculiaridade da rua são os seus ladrões, e seus impressionantes furtos em plena luz do dia. "Já vi inúmeras vezes moleques roubando toca-fitas bem aqui do lado, com sol forte batendo na cara" relata, contando também que seu estabelecimento também já foi vítima de dois assaltos. "Levaram só a cola. São moleques, pegaram a cola pra cheirar, roubam pra comprar drogas", afirma, explicando que só continua naquele ponto em virtude da grande freguesia que adquiriu durante todos estes anos.

"Aqui todo mundo é amigo, quase não existem problemas" conta um morador

Mais ao centro encontramos o Cartório de Registro Civil da cidade, onde no momento da reportagem eram realizados pelo menos dois casamentos. As calçadas da rua estavam tomadas pela multidão que disputava um lugar de onde pudessem ver o que acontecia do lado de dentro. Era impossível entrar no cartório. Fotógrafos e cinegrafistas se engalfinhavam em busca do melhor ângulo, aquele que seria capaz de justificar os seus cachês. A pressa e a emoção não deixam as pessoas falarem, mas nem é preciso dizer muito para saber o que pensavam. Bastava olhar em seus rostos. Os mais velhos se recordam do dia de seus casamentos enquanto os mais novos imaginam como será na sua vez. Mesmo sem falarem nada, pode-se ouvir um desejo de boa sorte emanando de cada um ali presente.

Na parte calma da Vigário Silva o Sr. Nelson Castro de Paula chega das compras para uma pequena reunião de família. Cumprimenta tanto a apressada vizinha que está indo para o serviço quanto às meninas que caminham tranqüilamente pelo meio da rua. Seu Nelson vive somente há vinte cinco anos na Vigário Silva, e mesmo assim diz:

- Meu filho, esta Rua tem história para contar...

Ele também diz gostar bastante do local graças à tranqüilidade. "Aqui todo mundo é amigo, quase não existem problemas" conta o morador, que só tem uma queixa contra a rua. "Como eu moro em um declive, toda a água usada pelas casas da parte de cima acaba escorrendo direto para a minha residência" protesta, dizendo também que isso não é motivo para que ele abandone a vizinhança. "Gosto muito daqui!".

Na "metade pobre" passam menos carros e os moradores utilizam o espaço público para jogar

"Como eu moro em um declive, toda a água usada pelas casas da parte de cima acaba escorrendo direto para a minha residência"

A chuva e a noite

O verão brasileiro, e sua chuva característica, fazem o ambiente da rua Vigário Silva mudar por completo. Pessoas correm para se proteger, pisando em poças d'água criando um singuar efeito visual. No centro, o movimento diminui. Os desprevenidos que esqueceram de trazer o guarda-chuva são obrigados a esperar dentro das lojas, ou sobre os toldos e marquises. Alguns nem dão bola e seguem em frente. O mesmo não acontece na outra parte da rua, que fica completamente deserta quando a chuva começa.

Durante a noite também fica difícil ver alguém por ali, salvo alguns estudantes e trabalhadores pegando ônibus. Às onze da noite a rua nada lembra a Vigário Silva das manhãs e tardes, com grande movimento na região central, e fluxo constante de carros. Não se vê quase ninguém, e um clima de medo começa a permear o lugar, principalmente depois de ouvir o sapateiro Gaspar contar relatos sobre roubos na região. "Antiga-

Uma rua de contrastes. Antena parabólica "das antigas"parece brotar como um cogumelo no mato selvagem. Prédios são erguidos ao lado de terrenos baldios infestados por lixo

issuu-downloader.com

Comércio e serviços variados atraem muitos consumidores para a "metade rica" da rua

Altamiro José de Souza guarda quarenta anos de história na barbearia

mente não existia muito disso não, mas hoje em dia é terrível. Se de dia já roubam tudo quanto é gente carro, de noite então eu nem quero imaginar como deve ser" conta, revelando não passar pela rua à noite. "Prefiro não me arriscar. Pra que ficar dando bobeira?"

Os únicos locais que permanecem abertos são os bares, que predominam na parte menos central da rua. Neles ainda podemos ver algumas pessoas, que bebem aos sons de bandas de pagode, rap e principalmente duplas sertanejas.

Fico com a sensação de que a região central é mais perigosa nesta parte do dia, pois não se vê ninguém nas ruas. Parece um local muito mais propício para alguém querer efetuar um roubo. Melhor ir embora, afinal, como disse o sapateiro Gaspar: "Pra que ficar dando bobeira?"

Mais histórias

Antônio José da Silva foi o primeiro vigário de Uberaba, pela Igreja Paroquial da Vila de Uberaba, a famosa Catedral de Uberaba. O Padre Antônio se tornou Vigário da cidade de Uberaba através de um decreto, que determinava que o então Vigário do Bispado de Goiás passasse a ser o Vigário de Uberaba.

Antônio José da Silva foi o primeiro vigário da cidade, pela Igreja Paroquial da Vila de Uberaba,

Vigário Silva sempre se preocupou em engrandecer a sua paróquia, residindo aqui por muitos anos, tendo sido até nomeado prefeito da cidade pelo governo imperial. Se destacou nos negócios públicos da cidade, tendo contribuído para a abertura do comércio da região. Em 1855 ele se muda para o Rio de Janeiro, onde faleceu no ano de 1858.

Devido à suas importantes realizações para a cidade de Uberaba, em 1880, a comissão recenseadora das ruas da cidade resolveu batizar a margem direita da rua grande de Rua Vigário Silva em sua homenagem.

Vigário Silva é um retrato perfeito da própria cidade de Uberaba, marcada pelo contraste da região central com a região periférica

A Rua Vigário Silva tem por si só inúmeras histórias. O barbeiro do Salão Don Fernandes, Altamiro José de Souza conhece muitas delas, já que trabalha em um salão com mais de quarenta anos de história. Altamiro está no salão desde 1960, e diz que na parte central pouco mudou de lá pra cá. "Apenas o Hotel do Comércio, que hoje é o Magazine Luiza, e um ou outro prédios novos, que são construídos no lugar de casarões velhos demolidos" observa o barbeiro.

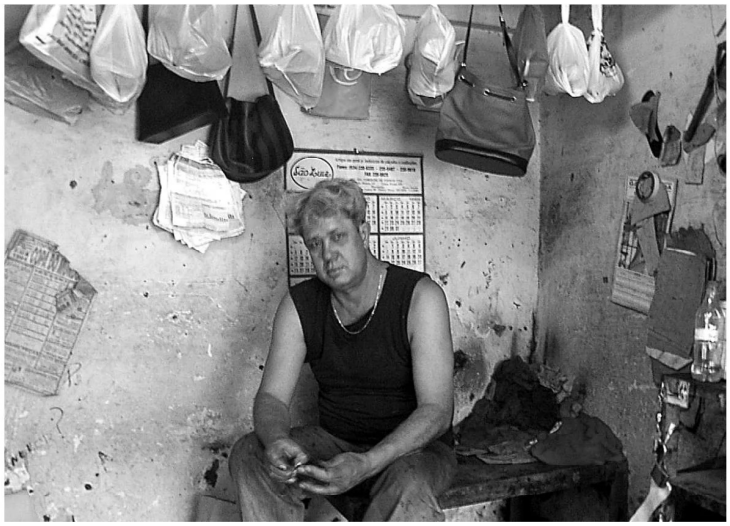
Um de seus clientes, o arquiteto espanhol Carlos Passón, que foi responsável pelos projetos de restauração da Câmara Municipal e da Igreja Santa Terezinha é que lamenta o descaso dos governantes uberabenses, que não procuram preservar a história da cidade. "Na Europa conserva-se a fachada original da casas, modernizando apenas o seu interior" relata, dizendo ainda que muitos destes casarões derrubados poderiam servir de cartão de visita para a cidade.

Altamiro se lembra da famosa Casa Fernando Sabino, o maior comerciante da cidade. Segundo ele, podíamos encontrar quase tudo na casa, e como antigamente vendia-se fiado, só se pagavam as contas no final do ano. "Isto gerou um episódio lendário, pois Fernando Sabino conseguiu reunir mais de 2000 contas, indo cobrar mais da metade na porta das casas dos devedores" recorda aos risos.

Todos também se recordam com tristeza do tradicional jornal Lavoura e Comércio, que encerrou suas atividades no ano passado. "Os meninos ficavam aqui pertinho vendendo o jornal para quem passava de carro" recorda o arquiteto Carlos. "Mais uma vez a história vai sendo apagada" comenta Altamiro.

Sendo uma das ruas mais importantes da cidade, foi a segunda a ser asfaltada na cidade. "Nem me lembro mais há quanto tempo foi" observa Altamiro, tentando puxar pela memória. Carlos se lembra da época em que a rodoviária da cidade ficava na praça Rui Barbosa. "Quando cheguei da Espanha, a mais de quarenta anos tomávamos o ônibus aqui. Só depois de alguns anos a rodoviária se mudou para a praça Jorge Franje" recorda. O arquiteto se lembra ainda que não existia nada no final da rua, a não ser mato. Naquela época os córregos da cidade ficavam abertos para o céu. "Só após o golpe militar, o prefeito Arnaldo Rosa Prata começou as obras para cobrí-los", relata.

A história da Vigário Silva continua a se desenrolar, onde vagarosamente o comércio vai se expandindo, se aproximando da parte mais pobre da rua, trazendo consigo o desenvolvimento. A Vigário Silva é portanto, um retrato perfeito da própria cidade de Uberaba, marcada pelo contraste da região central com a região periférica.



Nelson Castro de Paula vive há 25 anos na Vigário Silva

issuu-downloader.com

Escombros da memória coletiva

Uberabas que se foram

Ensaio fotográfico revela a cidade que poderia ter sido

André Azevedo da Fonseca
8º período de Jornalismo

Quando eu via fotos antigas de Uberaba, alguma coisa me incomodava profundamente. Por mais que eu soubesse que aquilo era a minha cidade, confesso que nem sempre conseguia associar aquela gente e aquela geografia difusa à Uberaba que conheço. Às vezes, as fotos pareciam de algum lugar longínquo, em outro país. Outras vezes, sugeriam um cenário fantástico, representando pessoas e lugares que na verdade nunca haviam existido. Eu olhava e sabia perfeitamente: é Uberaba. Mas alguma coisa dentro de mim não conseguia estabelecer essa ligação histórica.

Qual o motivo dessa minha falta de discernimento? Por que aquela Uberaba parecia tão desconhecida? Como estabelecer vínculos sensoriais verdadeiros com o passado da cidade?

Destas perguntas surgiu este ensaio fotográfico.

Foi assim: primeiro escolhi com a equipe do Arquivo Público de Uberaba algumas fotos do cotidiano espontâneo da cidade, em diversos períodos históricos. O que eu queria era, observando essas fotografias, procurar na Uberaba de hoje o mesmo local daquelas fotos antigas. Mas não queria só o local, eu precisava do ângulo exato, do mesmo recorte, da mesma espontaneidade retratada pelo fotógrafo original. Assim, medindo cuidadosamente as referências arquitetônicas, testando posições, aproximações e enquadramentos, subindo em bancos, deitando no asfalto e supervisionado pelo olhar crítico da estudante de História (e minha esposa), Cristiane Ferreira, tirei treze fotografias bastante parecidas com as originais. Pude perceber, com clareza e detalhamento nunca antes experimentados, as intensas transformações da cidade nesses lugares específicos.

É isso que compartilho com os leitores nesta edição. Nas legendas, que na verdade tratam-se de comentários pessoais, informo a data das fotografias originais. As fotos recentes foram tiradas em máquina digital, na tarde de 25 e na manhã de 26 de março de 2004.

Não sei ainda se respondi às minhas perguntas. Mas percebi que, depois deste exercício, já vejo vestígios de Uberaba nas fotos antigas.

fotos da esquerda: Arquivo Público de Uberaba

Incrementando a matéria anterior do colega Luis Felipe Silva, eis a esquina da Rua Vigário Silva na Praça Rui Barbosa, em 1900

fotos da direita: André Azevedo da Fonseca

Praça Rui Barbosa, na entrada do calçadão da Rua Arthur Machado. Na década de 30, os semáforos eram operados diretamente pelos guardas de trânsito, que acionavam uma alavanca para acender as luzes de "siga' ou "pare". (De qualquer maneira, esse aí certamente não tinha muito trabalho naquela época) Em tempo: é um barato observar que o buraco do bueiro é o mesmo!

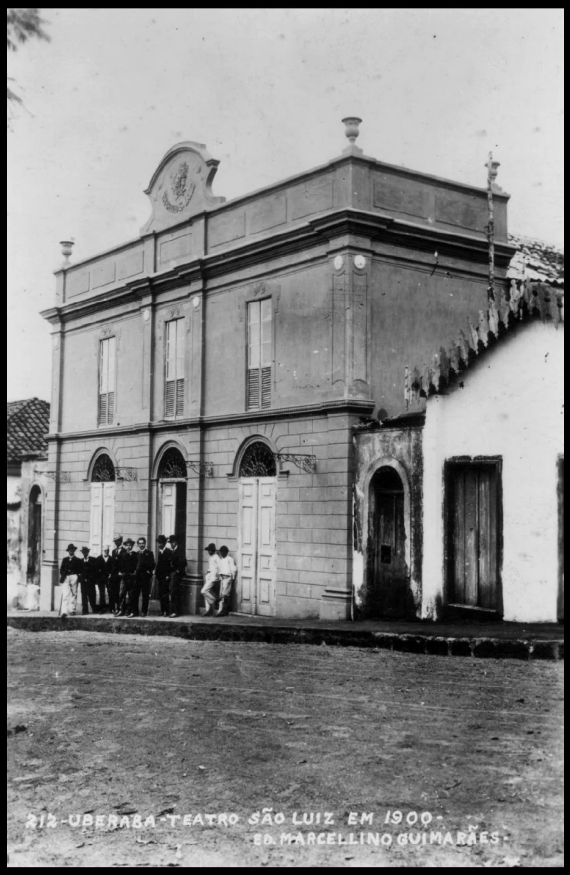
issuu-downloader.com

Edifício da Prefeitura e Palacete de Arthur Castro e Cunha integravam exuberante conjunto arquitetônico da Praça Rui Barbosa, como podemos ver nesta foto tirada entre os anos 40 e 50. Hoje, os dois são exceções no cenário de edifícios caixotões da praça.

Rua Arthur Machado, década de 20, na altura onde hoje está instalado o "calçadão". Praticamente tudo foi destruído. O segundo andar da antiga joalheria de Raul Terra, a única fachada que restou, está quase invisível em seu amarelo pálido, submerso na intensa poluição visual

"Nem tudo está perdido", escreveu o doador da foto que hoje pertence ao Arquivo Público. Com exceção de uma das casas, pintada de um vermelho e de um amarelo constrangedores, o conjunto permanece com a arquitetura surpreendentemente preservada.
No entanto, grades, postes e placas desordenados conseguiram enfeiar o entorno.

issuu-downloader.com



Teatro São Luís, em 1900, na primeira construção do prédio que viria a ser o Cine São Luiz.
O terceiro homenzinho, da esquerda para a direita, é Borges Sampaio, uma das figuras mais interessantes da história da cidade. Seus textos são importantes referências históricas para toda a região.

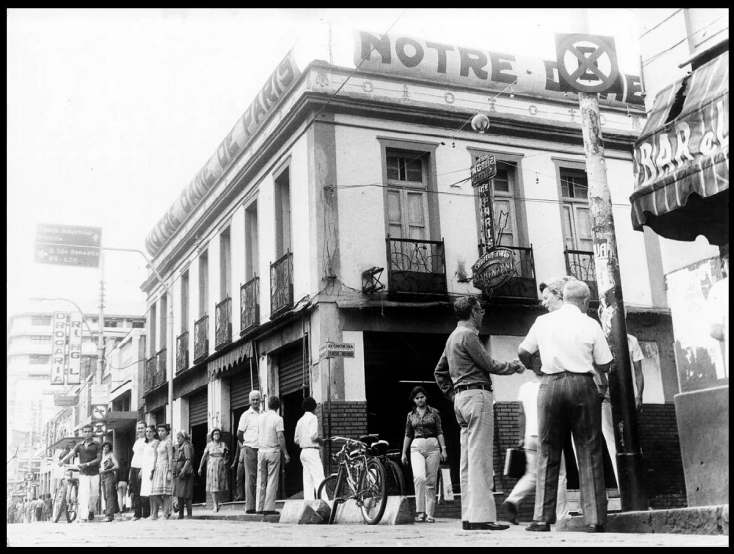
Puro charme. O Cine São Luiz, em foto tirada entre a década de 20 e 30, surge entre as palmeiras, em sua majestade negra de curvas e linhas, em foto tirada da escadaria da Igreja. Conjunto arquitetônico permitia perfeita visão da igreja São Domingos.

issuu-downloader.com

Rua Arthur Machado, na década de 70. Propaganda da Drogasil ainda está pintada no prédio, mas toda desbotada. Igreja matriz trocou de cor e foi engolida pelos prédios. O fuscão branco velho de guerra está firme e forte!

Rua Arthur Machado, em outro momento da década de 70.
Edificações da direita foram demolidas para a construção do prédio quadradão das Pernambucanas.

issuu-downloader.com



O fotógrafo desta reprodução dos anos 80 é muito bom, e pegou um ângulo muito espertinho. Além disso, é um perigo ser atropelado por um ônibus em pleno cruzamento Rua Vigário Silva com a Praça Rui Barbosa. Fiz o que pude. De qualquer maneira, eis o Notre Dame de Paris, uma das lojas mais populares na época, instalada na casa que já tinha sido de major Eustáquio e, mais tarde, de Borges Sampaio. O casarão foi demolido no final dos anos 80.

Primeiro prédio da prefeitura, em 1900. Confesso que fiquei tentato a acreditar que a árvore fosse a mesma. Mas definitavamente não é. Além de localizar-se em outro lugar e ostentar um outro porte e altura, sabemos que alguns anos depois a praça passou por um novo projeto paisagístico. Foram plantadas palmeiras em diversos pontos. De qualquer maneira, a comparação das duas cenas e árvores é uma delícia, não é mesmo?

issuu-downloader.com

Colegas da minha geração, acreditem: a Avenida Leopoldino de Oliveira era assim em 1960. Namorados se perdiam em beijos molhados nessas margens de concreto.

Avenida Leopoldino de Oliveira, em 1957.
Pois é, eu deveria mesmo ter pesquisado a época em que a rua foi pavimentada. Mas não deu tempo. Fica como sugestão de pauta aos colegas.

issuu-downloader.com

Memória

Faça você mesmo!

O Revelação convida os leitores a um exercício de fotografia

Não há segredo. A idéia é procurar as referências arquitetônicas, fazer uma minunciosa comparação com a reprodução antiga, buscar o mesmo ângulo do fotógrafo original e bater a foto. Garanto que é um exercício delicioso de observação e de redescoberta da própria cidade. Eis aí algumas sugestões. Divirtam-se.

Rua Arthur Machado, 1904

Rua Arthur Machado, década de 40

Rua Arthur Machado, década de 50

Avenida Leopoldino de Oliveira, 1968

Cine São Luís, década de 20

issuu-downloader.com